

Médio Oriente: 20 anos de processo de paz

DESDE A REALIZAÇÃO da Conferência de Madrid, em Outubro de 1991, o mundo aguarda com expectativa o desenrolar de um propalado processo de paz, no Médio Oriente, envolvendo não apenas israelitas e palestinos mas, também, outros actores regionais como a Síria ou o Líbano.

Em 1991, o ambiente internacional que presidiu à organização da Conferência de Madrid espelhava o desejo de resolução de um conflito, na altura já com várias décadas de história e com um lastro de violência agudizando uma realidade marcada pela polarização de actores e tendencial bloqueio de abordagens pró-activas em matéria de construção da paz.

Neste contexto, Madrid representou um marco, um momento, em certa medida até então inédito, de confluência de vontades em prol do encetar de diligências visando, em última instância, uma possível solução negociada para temáticas candentes no relacionamento de Israel com os seus vizinhos árabes e com a comunidade palestina.

O final da guerra-fria, a intervenção no Iraque, a Intifada – que viria a ser conhecida como a primeira – entre outros factores compuseram um quadro favorável ao delinear de abordagens face ao conflito. A importância da Conferência de Madrid foi essencialmente simbólica, afirmando-se como factor em

suporte não somente da premência da adopção de novas formas de gestão e resolução da então principal dinâmica conflitual do Médio Oriente, mas, também, da progressiva centralização de acções junto do núcleo israelitas-palestinos. De alguma maneira, o “reforçar” do espectro de acções – da multiplicidade de vectores inerentes à expressão israelo-árabe a uma percepcionada “redução” ao epicentro israelo-palestino – assumiu-se como herança de Madrid, não obstante importantes conquistas no âmbito do relacionamento Israel-Jordânia, em 1994.

Da Conferência de Madrid ao Processo de Oslo

Deste ponto de vista, Madrid “lançou” o Processo de Oslo; constituiu-se em plataforma prévia de uma dinâmica posterior que aco-

lheu os anos de maiores avanços no quadro de uma desejada normalização do relacionamento israelo-palestino e recuperou o interesse da comunidade internacional, designadamente na Europa, sobre esta realidade.

O Processo de Oslo constituiu-se, assim, na face visível de um novo arquétipo de relacionamento a presidir a um contexto de contactos entre representantes israelitas e palestinos. Da multiplicidade de obstáculos – políticos, económicos, estratégicos, de relacionamento pessoal, entre outros – foi possível encontrar pontes (sabemos hoje, frágeis) entre visões conflituantes. A “*época de ouro*” do processo de paz conheceu uma fase ascendente de conquistas diversas, para enveredar posteriormente por uma espiral de desconstrução e retrocesso, a culminar com a degradação substantiva do relacionamento israelo-palestino.



A Faixa de Gaza antes e depois da retirada israelita. Fonte: Gaza pre-disengagement – August 2005 / November 2005, UN Office for the Coordination of Humanitarian Affairs (<http://www.ochaopt.org>).



A Cisjordânia em 2009.
 Fonte: REKACEWICZ, Philippe — La Cisjordanie Occupée. Janeiro 2009. Disponível em www.monde-diplomatique.fr

Em vinte anos, Israel conheceu diversos governos e abordagens diversas ao delicado relacionamento com os palestinos, numa dinâmica também favorecedora do desenvolvimento de correntes de pensamento defendendo soluções fora do quadro diplomático. A alternância entre opções políticas fez-se centrada em diferentes formas de gestão do conflito, mais do que em função de propostas ou programas político-económicos para o país. De alguma maneira Israel vem sendo, também, refém de um conflito que não consegue resolver. A instabilidade política tornou-se um facto comum, espelhando o carácter intrinsecamente conjuntural da orientação de voto de muitos israelitas. Preocupado em

alicerçar as suas convicções, o Estado israelita tem afinal limitada margem de manobra no enfrentar de um sistema onde tudo o que acontece do lado palestino se projecta sobre Israel e vice-versa.

Fragilidades palestinas

Do outro lado a instabilidade no seio da comunidade palestina adensa-se, em directa relação, também, com as vicissitudes de um processo de paz transformado em processo de guerra. Chocam gerações e projectos políticos, aprofundam-se os constrangimentos decorrentes do exercício muito limitado de soberania, evidenciam-se as fragilidades de

| Data | Momento |
|-----------------|--|
| 1991, Outubro | Conferência de Madrid. |
| 1993, Setembro | Reconhecimento mútuo de Israel e a OLP. |
| 1993, Setembro | Declaração de Princípios ou Acordo de Oslo. |
| 1994, Fevereiro | Acordo de Paris. |
| 1994, Maio | Acordo do Cairo sobre a autonomia da Faixa de Gaza e Zona de Jericó. |
| 1994, Outubro | Tratado de Paz entre Israel e a Jordânia. |
| 1995, Setembro | Acordo Interino sobre a Cisjordânia e a Faixa de Gaza (Oslo II ou Acordo de Taba). |
| 1997 | Acordo de Hebron. |
| 1998, Outubro | Memorando de Wye River. |
| 1999, Setembro | Memorando de Sharm el-Sheik. |
| 2000, Julho | Cimeira de Camp David. |
| 2001, Janeiro | Cimeira de Taba. |
| 2002, Março | Cimeira de Beirute da Liga Árabe e apresentação da Iniciativa de Paz árabe. |
| 2003, Abril | Roteiro para a Paz. |
| 2003, Dezembro | Acordo de Genebra. |
| 2007, Novembro | Conferência de Annapolis. |
| 2008, Maio | 60.º Aniversário de Israel versus 60.º Aniversário da Nakba. |
| 2010, Setembro | Conversações Netanyahu - Abbas. |

Momentos marcantes de duas décadas de negociações. Fonte: "Timeline of the Arab-Israeli Conflict and Peace Process" Institute for Curriculum Services disponível em [\[http://www.icsresources.org\]](http://www.icsresources.org). "Israel and the Palestinians: a history of conflict" [\[http://www.bbc.co.uk\]](http://www.bbc.co.uk).

uma sociedade forjada em conflito e com raízes profundas sustentando a convicção da inevitabilidade do confronto (militar). O nebuloso limbo em que permanece o "Estado" palestino sustenta dinâmicas de radicalização, corrompe projectos e acirra posições. Vinte anos depois não só não se avançou como, em muitos aspectos, se recuou não apenas em compromissos não concretizados mas, sobretudo, em níveis de confiança mútua indispensáveis em qualquer processo negocial.

outros. À distância destes 20 anos, permanece clara a centralidade de um irresolúvel equívoco: a convicção de que é possível encontrar uma solução integralmente satisfatória para todas as partes.

Porém, a instabilidade não se esgota no relacionamento bilateral israelo-palestino, e o alargamento do quadro de análise emerge como parte de um contexto de maior complexidade. Parte de dinâmicas próprias, mas interligadas, as realidades libanesa, síria, egípcia, iraquiana e ainda iraniana são hoje dados de uma equação instável em que permanecem israelitas e palestinos e o Médio Oriente é hoje uma região de complexidade acrescida. ■

“
 Vinte anos depois, não só não se avançou como, em muitos aspectos, se recuou, não apenas em compromissos não concretizados mas, sobretudo em níveis de confiança mútua, indispensáveis em qualquer processo negocial.
 ”

Cristalizando um processo de "soma negativa", israelitas e palestinos não ultrapassaram, ainda, os bloqueios decorrentes da inevitabilidade de existência de cedências no âmbito de um processo negocial. Desde Madrid que os ganhos de uns são as derrotas de